



ARQUIDIOCESE ORTODOXA DE BUENOS AIRES
E EXARCADO DA AMÉRICA DO SUL



A GRANDE QUARESMA

UM PEQUENO GUIA PARA OS FIÉIS

Buenos Aires

2020

INTRODUÇÃO:

A instituição da Santa e Grande Quaresma

Existem instituições e símbolos adotados por nações, igrejas ou grupos humanos que representam certos ideais acumulados no passado e estendem-se ao presente por seu valor. Essas instituições, ou seja, experiências e preceitos reconhecidos como autoridade, e seus respectivos símbolos representam as percepções, crenças, experiências e sentimentos daqueles que as criaram ou adotaram, muitas vezes através da luta e do sacrifício.

Na vida da Igreja de Cristo há muitas instituições criadas e mantidas para atender às necessidades – sobretudo espirituais – dos membros de seu corpo místico. Uma dessas instituições é a Grande Quaresma, que faz parte do ciclo anual da vida da Igreja, imediatamente antes da Páscoa.

A Quaresma é o período de tempo para o autoexame do crente, para seu autoconhecimento; para vestir a armadura espiritual da Igreja militante; para a aplicação das riquezas da oração e esmolas; adotar profundamente o significado de arrependimento - *metanoia*; para a expiação e a reconciliação com Deus Todo-Poderoso e com o próximo: é um tempo propício – *καιρός* - para o amor desinteressado e pleno ou, ao menos, para que coloquemos todas as nossas forças e condições, superando nossas fraquezas, para colocá-lo em prática.

Este longo período antes da grande festa da Páscoa é chamado pela Igreja Ortodoxa, *Quaresma - Τεσσαρακοστή* - que vem da palavra quarenta, referindo-se aos 40 dias de jejum. Este período de 40 dias da Quaresma é um período de "abstinência" de alimentos, mas principalmente de nossas "iniquidades" pessoais. A abstinência alimentar é apenas um meio de alcançar a virtude; não é um fim em si mesmo. Durante o período de jejum, faz-se um propósito especial de avaliar sua identidade, vocação e missão como cristão; para escutar a voz do Evangelho e prestar ouvidos aos seus mandamentos; para aceitar o incessante convite para que entremos no Reino de Cristo.

É um convite aberto a todos que se dispõem a entrar: tanto aos que creem em Cristo e se arrependem de seus pecados, quanto aos que ignoram ou renegam diretamente a Cristo. Para alcançar isso - o que deveria ser

uma preocupação ao longo de todo ano - a Igreja Cristã, que desfruta de muitos anos de experiência - e de acordo com a natureza do homem - instituiu certos dias de oração e jejum como degraus de uma escada para ajudar aqueles que precisam de orientação para chegar ao cume espiritual. Todas essas medidas devem ter um verdadeiro significado pessoal, evitando tornar-se um mero costume e rotina. O jejum abrange toda a vida piedosa do cristão, como Cristo proclamou, e simboliza uma profunda aceitação de sua exortação para "*arrepender-se*".

Durante o período da Grande Quaresma, o despertar do espírito do homem se dá por meio da inspiração de Jesus Cristo. É um momento de *autoexame, autoconhecimento* e preparação, e para fazer um inventário da vida interior da pessoa. Evidentemente, Cristo conhece a sua exata condição. É quando a pessoa se vê no espelho do evangelho tal como verdadeiramente é. Em seguida, deve encontrar os meios e formas de corrigir e melhorar a si mesmo. A Quaresma é um período de tempo durante o qual se aprofunda com a luz do Espírito Santo, a fim de libertar-se dos obstáculos que o impedem de avançar na vida espiritual. É um período em que se fortalece a fé com mais oração e vida devocional.

Examinemos, pois, o significado do jejum, que se tornou uma instituição da Igreja. O jejum significa abstinência total de alimento, como a palavra grega original, na Bíblia -νηστεία- significa literalmente. No entanto, a palavra jejum hoje é usada para seleção de alimentos e uma limitação de sua quantidade.

Jejum também pode significar comer, uma vez por dia, pão, água e sal, após o pôr do sol.

Embora o período da Quaresma diga respeito à função do ser humano como um todo para que possa alcançar o arrependimento, o autoconhecimento, a esmola, a relação com as pessoas com as quais se discorda, as atitudes em relação à vida etc., a abstinência de alimentos desempenha um papel vital na vida do cristão. A quantidade e o tipo de alimento selecionados para este período ajudam a fortalecer a vontade e, assim, controlar os desejos carnis e desenvolver uma disciplina espiritual saudável e uma vida pura. O jejum de alimentos não é uma atividade virtuosa em si, mas um meio de realização da virtude. No entanto, tem um lugar particular na vida dos cristãos, especialmente durante a Grande Quaresma.

O jejum

Pode-se perguntar qual a origem da instituição do jejum. Foi uma tradição transmitida pelos apóstolos? Foi determinado como tal pela Igreja primitiva? A duração do jejum foi estabelecida desde o início? Essas e outras perguntas requerem respostas.

O jejum antes da Páscoa não foi determinado pela Igreja primitiva, como tal, seja em dias específicos ou para certos alimentos. No Novo Testamento, a palavra para jejum – νηστεύειν – significa abstinência por completo de alimentos, originalmente, um costume praticado pelos judeus, embora não fosse uma exigência oficial da religião.

O bispo Irineu de Lyon escreveu uma carta ao Bispo de Roma especificando que há uma grande diferença sobre a duração do jejum antes da Páscoa. Algumas pessoas, escreveu, jejuam por um curto período de um dia, outras de dois, outras ainda por um período mais longo. Alguns jejuam 40 horas contínuas, dia e noite, todos os alimentos (Eusébio de Cesareia, História Eclesiástica, 524, 12). Tertuliano, um escritor eclesiástico do século III, refere-se à abstinência alimentar por dois dias, na sexta-feira e no sábado. Alguns dos primeiros cristãos abstinham-se dos alimentos durante todo o dia e comiam apenas à noite, enquanto outros não comiam nada, dia ou noite, assim como aqueles que jejuavam por 40 horas. Em meados do século III, outros cristãos estenderam o período de jejum de dois dias para uma semana: *"Mas a todos foi permitido estender o comprimento do jejum pelo tempo que quisessem. Portanto, esses cristãos acrescentaram horas e dias de jejum de livre e espontânea vontade, além da duração habitual do tempo"* (Dionísio de Alexandria, PG Migne 10, 1278).

Evolução da prática do jejum

Com o passar dos tempos, os dias de jejum aumentaram para sete antes da festa da Páscoa. Esses cristãos comiam durante as noites, e apenas pão, sal e água, como registrado por Epifânios em 403. A diferença na contagem de horas de jejum deveu-se ao resultado de diferentes cálculos do tempo da Ressurreição de Cristo de acordo com os Evangelhos (Mateus 28:1, antes da meia-noite; João 20:1, depois da meia-noite; Marcos 16:2, ao amanhecer). O período de jejum antes da Páscoa foi estendido para 40 dias sem evidências substanciais de qualquer imposição da Igreja. O fato é que os 40 dias de jejum eram conhecidos pelos Pais do Primeiro Concílio

Ecumênico (325). Santo Agostinho, durante o século V, atribuiu o longo período de 40 dias a perseguições. Outros referem-se ao exemplo do jejum de Cristo por 40 dias no deserto (Mateus 4:2); ou Moisés (Êxodo 34:28), ou o Profeta Elias (1 Reis 19: 8 - *III Vasilion* LXX) Provavelmente, um período de jejum de 40 dias entre o povo começou durante as perseguições, porque as pessoas se refugiavam em monastérios e seguiram a ordem de abstinência dos monges, que era muito rigorosa. Além disso, eremitas e outras pessoas piedosas mantinham um período de jejum de 40 dias durante meados do século III, e isso foi transmitido para os leigos mais simples. Na realidade, a prática de 40 dias de jejum antes da Páscoa não era uma prática simultânea em todos os países cristãos, mas num processo gradual. Como dito anteriormente, o jejum como tal, foi praticado pelo povo no início da Era Cristã por apenas dois ou três dias por semana, às quartas e sextas-feiras e, em alguns lugares, no sábado (no Oriente).

Com o passar do tempo, foi ocorrendo um aumento gradual no número de semanas. No entanto, entre o Oriente e o Ocidente o número de semanas de Quaresma não coincidia, com sete semanas estabelecidas no Oriente e seis no Ocidente, em meados do século VI. A razão da diferença no número de semanas entre Oriente e Ocidente se deu porque no Ocidente o sábado era considerado um dia de jejum, juntamente com quarta e sexta-feira, enquanto que no Oriente o sábado não era considerado um dia de jejum, exceto o Sábado da Semana Santa, de acordo com os cânones da Igreja (Cânon 66 dos Pais Apostólicos; Cânon 55A do Sexto Sínodo Ecumênico em 692; Cânon 18, Sínodo gangra em 340-370). A adição do Sábado pela Igreja do Ocidente como um dia de jejum diz respeito à ideia de que o corpo de Cristo permaneceu no túmulo naquele dia. Esta inovação do jejum de sábado foi combatida por Tertuliano, Hipólito (escritor eclesiástico) e o bispo Jerônimo.

No entanto, o bispo Inocêncio de Roma (401-417) ratificou o sábado como um dia de jejum, e gradualmente este dia se tornou um dia fixo de jejum no Ocidente. Reprovando esta prática no Ocidente, o bispo de Antioquia Inácio denunciou, em uma carta, este costume (cap. 13). Durante o século VII, o bispo Gregório I de Roma adicionou mais quatro dias antes do início das seis semanas da Quaresma, começando na quarta-feira, conhecida como Quarta-feira de Cinzas. A Igreja do Oriente, por sua vez, acrescentou mais uma semana antes das sete semanas, conhecida como Semana do Queijo (Lacticínios), para completar os 40 dias de jejum na Quaresma antes da Páscoa, com exceção dos sete sábados e oito domingos

que são dias de jejum. A razão para os 40 dias de jejum durante a Grande Quaresma é incerta. Balsamon, famoso canonista do século XII, escreve: "*Há apenas um jejum de quarenta dias, o da Páscoa; mas se as pessoas gostam de manter o jejum semanal para outras festas (...) não deve ser deseonrado.* (PG 138,1001).

Embora o jejum de alimentos seja necessário para a boa condição da saúde do cristão, o jejum não é capital em si mesmo: "O jejum foi instituído para o domínio do corpo. Se o corpo, porém, já se encontra em um estado de humildade, enfermidade ou debilidade, deve-se buscar o que lhe faz bem, com comida e bebida que necessita." (Cíon 8 de São Timóteo de Alexandria).

O significado dos dias festivos da Quaresma

A Santa e Grande Quaresma é um período de tempo durante o qual as devemos nos tornar mais conscientes de nosso caráter espiritual. As passagens dos Evangelhos e Epístolas, os Hinos e orações, o espírito da Igreja, tudo neste período buscam ajudar os cristãos a se purificarem espiritualmente através do arrependimento. "*Arrepende-te*", é a primeira palavra de Jesus Cristo em sua proclamação ao povo, como o epítome (síntese) de seu evangelho. O arrependimento – *metanoia* - é a principal motivação do cristão que atua para libertá-lo do pecado e de si mesmo. O reconhecimento de cada um de seus pecados, seu arrependimento e, finalmente, sua decisão de mudar radicalmente de postura e atitude são os passos do arrependimento. Durante o período da Quaresma o cristão é chamado ao *autoexame*, ao *autoconhecimento*, ao *autocontrole* através do resplendor da ressurreição de Cristo. É por isso que a Igreja instituiu este período de tempo antes desta grande festa.

O jejum, em seu contexto espiritual, é a abstinência de comida, sempre em relação a um evento ou festa de caráter divino-humano. Como já foi convenientemente acentuado, o jejum, em si mesmo, não tem significado na Igreja Cristã, mas um papel concreto na realização das virtudes cristãs. Não deve ser aceito como um mero fardo ou obrigação sem um propósito espiritual. O jejum é entendido como um meio para se alcançar a temperança e a sobriedade, especialmente se está relacionado à prática da oração, devoção e pureza.

Nesse contexto holístico, entende-se também que a prática esteja

relacionada às obras de caridade - dar esmolas aos pobres: *o jejum é, em última análise, uma prática que deve nos fazer amar mais a Deus, ao próximo e a nós mesmos.* As raízes do jejum na Igreja Cristã são encontradas no Antigo Testamento e na tradição judaica, tanto para alguns dias quanto para certos alimentos. Como regra geral, o jejum precede uma festa religiosa. Muitos versículos do Antigo Testamento se referem a isso: *“Assim diz o Senhor dos Exércitos: O jejum do quarto, e o jejum do quinto, e o jejum do sétimo, e o jejum do décimo mês será para a casa de Judá gozo, alegria, e festividades solenes; amai, pois, a verdade e a paz.”* (Zac 8: 18-19)

Dando continuidade à prática do jejum, a Igreja Cristã determinou que o período da Quaresma fosse vinculado a grande festa da Páscoa, como disposto pelo I Concílio Ecumênico, em 325. Vale ressaltar que a Igreja determinou o dia em que a Ressurreição de Cristo deve ser celebrada de acordo com as condições existentes no momento deste evento. Assim sendo, o Concílio observou que *a grande Festa da Páscoa seja celebrada no primeiro domingo após a lua cheia após o equinócio de primavera (21 de março), e sempre após a Páscoa judaica.* Portanto, esta grande festa é uma data móvel no calendário. Da mesma forma, a Grande Quaresma, que depende da data da Páscoa, também é móvel, sendo celebrada cada ano em uma data diferente, dependendo das condições acima.

As quatro semanas anteriores à Grande Quaresma são consideradas preparatórias, precursoras da Quaresma. Essas quatro semanas, juntamente com as oito semanas de Quaresma, são referidas pela Igreja como Triodion, que significa "odes triplas", nome que não tem relação direta com a substância da Quaresma em si mesma. As quatro semanas antes da Quaresma são conhecidas pelo nome de domingo que os precede:

- Domingo do Publicano e do Fariseu (da parábola);
- Domingo do Filho Pródigo (da parábola);
- Domingo da Carne (Juízo Final);
- Domingo do Queijo - Lacticínios (expulsão de Adão do Paraíso)

Da mesma forma, as seis semanas da Grande Quaresma são:

- Primeiro Domingo (Domingo da Ortodoxia);

- Segundo Domingo (São Gregório Palamas);
- Terceiro Domingo (Adoração da Cruz);
- Quarto Domingo (São João Clímaco);
- Quinto Domingo (Santa Maria do Egito);
- Domingo de Ramos - até o Sábado Santo e Domingo de Páscoa.

Durante a Grande Quaresma:

- As Grandes Completas são oficiadas todos os dias;
- Todas as quartas e sextas-feiras a Liturgia dos Dons Pré-santificados;
- Ao entardecer das quatro sextas-feiras consecutivas, cantam-se as "Saudações" –χαίρετισμμοί - a Theotokos e, na quinta sexta-feira canta-se o Hino "Akáthistos".

A - OS DOMINGOS PREPARATÓRIOS

Domingo do Publicano e do Fariseu (Jo 1: 43-52)

Arrogância, orgulho e soberba são a perversão da alma e do espírito do homem; a arma mais poderosa do maligno; a mãe da hipocrisia; o obstáculo do progresso espiritual; a degradação da civilização; o maior inimigo do homem; o oposto de arrependimento; a corrupção da consciência do homem. É por isso que a Igreja estabeleceu o primeiro Domingo de preparação para a aceitação da mensagem da Ressurreição de Cristo, com a parábola do Publicano e do Fariseu. A raiz do mal, do orgulho, deve ser removida e substituída pela virtude da humildade: este é o ensinamento da parábola. O mais elevado grau da soberba humana se manifesta quando se fala a Deus em oração do modo como fez o Fariseu: *"Deus, eu te dou graças"*, apenas como desculpa para listar suas supostas conquistas, comparando-se publicamente a outros que, segundo ele, eram pecadores, dizendo: *"Eu não sou como os outros homens pecadores, nem mesmo como este publicano."* E se exaltou dizendo: *"Jejuo, dou o dízimo"*, o que ele fez. Mas, quanto mais se gabava, ainda mais se condenava através de seu orgulho.

Por outro lado, o Publicano confessou: *"Deus, tem misericórdia de mim, pecador."* O arrependimento do publicano é a base da vida cristã; é a passagem para o Reino; é a restauração da imagem de Deus na alma de sua criatura. A humildade se destaca entre todas as virtudes. Assim, a primeira frase da hinologia do dia diz: *"Não me deixe rezar como o fariseu. Abra para mim as portas do arrependimento."* A combinação de esmola (caridade), oração e piedade, juntamente com o desejo de arrependimento como a do Publicano, é imprescindível na vida de um cristão, e especialmente no período da Grande Quaresma. A atitude do publicano fez dele um bom administrador dos dons divinos.

Domingo do Filho Pródigo (Lc 15: 11-32)

Esta parábola refere-se à prodigalidade do homem em relação aos dons divinos que ele possui. É a consequência da soberba. Prodigalidade é a luxúria e a extravagância que são consumidas na sensualidade. O filho Pródigo é aquele que não pode ser mantido, não pode ser cuidado, cuja vida é dissoluta, que desperdiçou a propriedade de seu pai. A

prodigalidade, então, é a segunda paixão básica à qual o homem está inclinado: *prodigalidade é corrupção. Apesar da caracterização desta parábola, seu tema principal é o caloroso amor paternal do Pai.*

O amor do pai era inabalável e firme para com seu filho pródigo. Seu amor foi manifestado mais no regresso de seu filho do que em sua partida, mesmo que seu filho tenha desperdiçado sua propriedade. No final, no entanto, o filho converteu sua prodigalidade em arrependimento, e este é o *quid* (cerne) da parábola. Este momento transforma o filho pródigo em um filho prudente, expulsando o orgulho com o arrependimento.

Enquanto o filho regressava ao seu pai, ensaiava repetidamente dizer ao encontra-lo: "*Pai, eu pequei contra o céu e contra ti.*" Mas quando, ainda de longe, avistou sua casa paterna, seu pai o viu e, correndo ao seu encontro o abraçou calorosamente. Portanto, o filho sequer teve a oportunidade de repetir ao pai o que vinha ensaiando. Antes, "dá-me", e, agora ao final ele suplica, "faze-me", o que mostra a profundidade do arrependimento e da obediência, fatores desafiadores para um cristão.

Domingo da Carne (Mt 25: 31–46)

É uma forte convicção e fé da Igreja que Cristo virá ao mundo uma segunda vez, não para salvá-lo, mas em "glória" para julgá-lo. Se Deus sabe de antemão o destino de cada ser humano, por que não impede que seus filhos sejam eternamente condenados, pode-se questionar. Deus é certamente Amoroso, mas também Justo. O destino do homem realiza-se e cumpre-se na terra, já que, após a morte, não haverá oportunidade de arrependimento para melhorar o estado existencial de cada um. A mente finita do homem não pode compreender o *Amor* infinito de Deus ou sua imensurável *Justiça*. Ao aproximar-se da Quaresma e da Páscoa, o cristão é convidado a corrigir suas faltas através da prática do jejum, da oração e da esmola (caridade), como aponta a passagem do Evangelho do dia. O Juízo Final se dará de acordo com as boas obras de cada pessoa como resultado de sua fé e adoração a Deus. Essas boas obras são dirigidas aos "*pequeninos*", aos necessitados, como diz o próprio Cristo, "*quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim.*", (v. 45). Este domingo é o último dia antes da Quaresma, durante o qual o fiel pode comer carne.

Domingo do Queijo - Lacticínios (Mt 6: 14-21)

O enredo teológico-espiritual deste domingo faz referência à expulsão de Adão do Paraíso. Adão, no Paraíso, abusou de sua liberdade deixando-se persuadir pelo mal ao desobedecer ao mandamento de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. O maligno o convenceu de que, ao fazê-lo, ele saberia mais do que Deus. A Igreja, em sua hinologia, apresenta a condição de Adão fora do Paraíso como consequência direta de seu orgulho e desobediência a Deus. A passagem evangélica do dia refere-se ao modo de orar, jejuar e dar esmolas, e a fazer todas as boas ações. Isso deve ser feito em segredo, sem se vangloriar. A chave de leitura deste domingo foca na condescendência de Deus em relação à debilidade humana: *"Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas"*. (Mt 6: 14-15). Isso é mais do que evidente na oração do Senhor, o *"Pai Nosso"*. A semana antes do Domingo do Queijo e depois do Domingo da Carne é o acréscimo ao período da Grande Quaresma que completa os quarenta dias de jejum (exceto sábados e domingos). A denominação deste Domingo do "Queijo" implica que o jejum desta semana é a transição gradual (porque os lacticínios são permitidos) para comer carne ao rigoroso jejum da Quaresma, que começa no dia seguinte, Segunda-Feira Pura –Καθαρᾶ Δευτέρᾶ–, tendo o Primeiro Domingo da Quaresma (Domingo da Ortodoxia) como coroação desta primeira semana de jejum estrito.

B. OS DOMINGOS DA GRANDE QUARESMA

Primeiro Domingo da Quaresma - Domingo da Ortodoxia (Jo 1: 43-52)

Neste domingo é comemorado o retorno dos ícones às igrejas, de acordo com a decisão do Sétimo Conselho Ecumênico (787). A Igreja determinou que essa celebração ocorresse todos os anos durante o Primeiro Domingo da Quaresma, como o Domingo da Ortodoxia, a partir de 11 de março de 843. Neste domingo de cada ano celebra-se com grande esplendor o triunfo da fé ortodoxa sobre a heresia. O ícone de Cristo, segundo São João Damasceno, é uma afirmação clara e uma recordação do fato de sua Encarnação, que é de vital importância para a salvação dos fiéis, uma afirmação que prevalece até hoje na Igreja Ortodoxa. A celebração do

dia inclui a procissão com ícones no interior da igreja, com pompa e reverência. O Domingo da Ortodoxia exorta os fiéis a se dedicarem novamente ao profundo significado de sua fé e a declarar em uníssono: *"Um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos"*.

Segundo Domingo da Quaresma –São Gregório Palamàs (Mc 2: 1-12)

Neste domingo comemora-se São Gregório Palamàs. A Igreja dedica este domingo ao Arcebispo de Tessalônica por sua fé ortodoxa, seu conhecimento teológico, sua vida virtuosa, seus milagres e seus esforços para expor o ensino ortodoxo sobre o tema do Hesicasmo. O Hesicasmo é uma antiga Tradição e sistema místico propagado no Monte Athos pelos monges, segundo a qual se sustenta que o homem é capaz, através de um complexo sistema de práticas ascéticas, de acessar a perfeita tranquilidade do corpo e da mente «ήσυχία» e, nesse estado, ter a visão da luz divina increada, distinguindo real e verdadeiramente entre a essência e as operações de Deus. Gregório tornou-se célebre por seus esforços para expor a diferença entre o ensino correto e ortodoxo e o herético, sobre a capacidade do homem de ascender à participação na luz increada divina.

Terceiro Domingo da Quaresma –Adoração da Cruz (Mc 8: 34-38; 9: 1)

Neste domingo comemoramos a venerável Cruz e a crucificação de Jesus Cristo. A Cruz, como tal, adquire significado e adoração pela crucificação de Cristo sobre ela. Portanto, seja nos hinos e nas orações, entende-se que a cruz sem Cristo não tem sentido ou lugar no cristianismo. A adoração da Cruz no centro da Grande Quaresma lembra aos fiéis sobre a crucificação de Cristo antes de ser celebrada na Sexta-feira Santa. Portanto, as passagens bíblicas e os hinos referem-se à paixão e aos sofrimentos de Jesus Cristo: as passagens lidas hoje atualizam a vocação do cristão para dedicar sua vida a Cristo, porque *"Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me"* (Mc 8:34-35). Estes versículos indicam claramente o tipo de dedicação que o cristão necessita, em três estágios:

1. Renunciar ao seu orgulho e desobediência ao plano de Deus;

2. Tomar a sua cruz pessoal (as dificuldades da vida) com paciência, fé e plena aceitação da vontade de Deus, sem queixar-se do peso do fardo; negar-se a si mesmo e tomar sua cruz leva a:

3. Decisão de seguir Cristo.

Estes três passos voluntários são três elos que não podem ser separados um do outro, uma vez que o principal poder para os realizar é a Graça de Deus, que o homem sempre necessita e invoca. A adoração da Cruz é expressa pelos fiéis através da oração, do jejum, da esmola e do perdão das faltas dos demais. Neste domingo comemora-se a Cruz do Senhor com um serviço especial ao final da Liturgia Divina. No contexto da interpretação quaresmal é a Cruz que nos conduz à ressurreição de Cristo: sem cruz não há sepulcro vazio.

Quarto Domingo da Quaresma - São João Clímaco (Mc 9: 17-31)

Neste domingo, comemora-se São João Clímaco, autor do livro "A Escada – κλίμαξ – do Paraíso". Este livro contém 30 capítulos, cada um como um degrau para o fiel alcançar uma vida piedosa, cume da vida cristã. O espírito de *metanoia* e devoção a Cristo está presente em todo o conteúdo deste livro, bem como a busca das virtudes monásticas e a luta contra os vícios e as paixões mundanas. São João foi um asceta e escritor sobre a vida espiritual enquanto ocupava a função de abade do Monastério de Monte Sinai. Esses degraus da escada, como compreendido por São João, devem ser praticados – ascendidos – pelos cristãos, especialmente durante este período da Grande Quaresma. Cada movimento que leva ao degrau seguinte da escada é a essência do verdadeiro significado da vida cristã.

Quinto Domingo da Quaresma - Santa Maria do Egito (Mc 10: 32-45)

Neste domingo comemora-se a vida de Santa Maria do Egito, que é um exemplo brilhante de *metanoia* através da oração e do jejum. Tendo vivido no pecado por muitos anos, converteu-se a uma verdadeira vida cristã. Partiu então para o deserto, vivendo lá por muitos anos uma vida ascética e a prática da oração e jejum, no arrependimento de sua antiga

vida no pecado. A hagiografia de Santa Maria ilustra de maneira clara a sua convicção acerca de Cristo, o que acabou por motivar a mudança de sua vida do pecado para a santidade através do arrependimento. Sua compreensão do arrependimento não envolveu uma simples mudança de minúcias em sua vida, mas numa mudança extrema de suas atitudes e pensamentos. A Igreja comemora santa Maria, a egípcia, como um exemplo de quem, reconhecendo seus próprios pecados pode libertar-se da escravidão e do fardo da involução humana. Esse reconhecimento das próprias quedas e erros é essencial para os fiéis durante a Quaresma como meio de autoexame e preparação para uma vida mais virtuosa em antecipação à Crucifixão e Ressurreição de Cristo.

Domingo de Ramos (Jo 12: 12-18)

Neste domingo comemora-se a Entrada Triunfal de Jesus Cristo em Jerusalém. Os habitantes de Jerusalém receberam Cristo como rei e, assim, tomaram ramos de palmeiras e saíram ao seu encontro, jogando suas vestes e palmas em seu caminho. O povo presente proclamou a profecia de Zacarias: *"Hosanna, bendito é Aquele que vem em nome do Senhor, o Rei de Israel!"* (Zacarias 9: 9-13). A celebração da Páscoa judaica trouxe multidões de judeus e prosélitos judeus à Jerusalém. Eles tinham ouvido falar das obras e palavras de Cristo, especialmente da recente ressurreição de Lázaro. Todos os eventos relacionados a Cristo tinham um significado messiânico para os judeus na época. Isso irritou os sumos sacerdotes e fariseus. A Tradição da Igreja de distribuir os ramos de palmas neste domingo baseia-se na ação do povo de estender diante do Senhor os ramos de palmas que, desde então, passou a simbolizar a vitória de Cristo sobre as forças do mal e da morte.

A SEMANA SANTA

O período da Grande Quaresma também inclui os dias da Semana Santa. Este é o momento em que os cristãos que passaram todo o período da Quaresma em oração e jejum se aproximam da Festa das Festas para celebrar a paixão e a ressurreição de Cristo.

Ao longo da Quaresma os fiéis trataram de praticar e viver os ideais e normas deste período litúrgico, à luz e na esperança da Páscoa. É por isso que a Hinologia de todo o período da Quaresma, especialmente durante a Semana Santa, refere-se à ressurreição de Cristo como o centro da fé cristã.

Cada dia da Semana Santa é dedicado aos acontecimentos e ensinamentos de Cristo durante sua última semana na Terra. Os fiéis que participam dos serviços desta semana devem se tornar mais conscientes de seus deveres em relação a si mesmos e ao próximo, através do jejum, da oração, de obras de caridade (esmolas), do perdão das ofensas dos demais; em outras palavras, através da participação, dia a dia, no espírito do Evangelho de Cristo.

CONCLUSÃO:

A importância da Grande Quaresma

A Grande Quaresma é um período durante o qual o cristão deve participar plenamente em sua própria preparação espiritual para louvar e glorificar ao seu Deus como Senhor e Salvador. A Grande Quaresma é como um “lugar” onde a qualidade de ser cristão é espiritualmente incrementada e fortalecida; onde a vida se renova na afeição aos princípios e ideais do evangelho; onde a fé culmina na profunda convicção da vida; onde a apatia e o desinteresse se convertem em atividades vigorosas de fé e boas obras. O sentido da Quaresma não se esgota nela mesma, como tal, como o jejum não é pelo jejum em si mesmo. Mas são todos meios pelos quais e o crente se prepara para aceitar e alcançar o chamado de seu Salvador.

Portanto, a importância da Grande Quaresma é altamente valorizada, não apenas por monges que aumentaram gradualmente o tempo de sua duração, mas também pelos próprios leigos, ainda que não observem todo o tempo proposto pela Tradição da Igreja.

Como tal, a Grande Quaresma é a instituição sagrada da Igreja que serve a cada crente a participar como membro do Corpo Místico de Cristo e, de tempos em tempos, para melhorar o nível de fé e espiritualidade em sua vida cristã. A profunda intenção do crente, durante a Grande Quaresma, deve se concentrar nas palavras do Apóstolo:

“Esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus.

(Filipenses 3: 13-14).